

O COMMERCIO DO MINHO

3.º ANNO 1875

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 367

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

PUBLICA-SE

AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇOS: Braga, anno 1\$600 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 2\$400 rs e sendo duas 4\$000 rs.—Semestre 1\$250 rs.—Brazil, anno 4\$400 rs.—Semestre 2\$300 rs. moeda forte, ou 10\$000 reis e 5\$500 reis moeda fraca.—Annuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 20 % d'abatimento.

BRAGA—QUINTA-FEIRA 8 DE JULHO

Homens-enigmas.

Segundo vemos de um artigo da «Revolução de Setembro»—o artigo de fundo, porque veio de alto—, esta «Revolução» não acredita na infallibilidade do Papa, nem na infallibilidade dos concilios, nem na infallibilidade de Jesus Christo «Deus e Homem Verdadeiro», nem na infallibilidade de Deus por consequente,—do Deus dos christãos, pelo menos. E como nos parece que para homens civilizados, no seculo em que vivemos, a não haver o Deus dos christãos não ha Deus nenhum, concluímos que para a «Revolução»... só se houver o Deus-ventre:—Cujos Deus vender est.

A fallar a verdade, já isso nos parecia; mas não é mau que a si mesmo se desnascare quem ás vezes anda mascarado.

Ah! sr. Sampaio, sr. Sampaio (porque o artigo traz o canho de s. exc.ª) e préga-nos moralidade! Mas o que é moralidade sem o temor de Deus? E como haverá temor de Deus tratando-se de destruir pela base a unica verdadeira religião? Sua exc.ª disse aqui ha tempos que não conhecia nenhum remedio contra a praga do suicidio senão as salutaras doutrinas do Christianismo, e disse bem; mas será por isso que tanto trabalha em destruir essas doutrinas com seus pécos sofismas, com suas indignas graças? Não é por certo. Pelo que será então, sr. ministro?!

Tambem Renan, antes e depois de escrever a sua inqualificavel *Vida de Jesus*, escreveu que o peor serviço que se podia fazer á sociedade era o destruir, ou até mesmo, o diminuir a fé nas doutrinas do Christianismo; e um seu discipulo, em recente viagem que fez á França, contanos que encontrou o «sabio»—impio (*dicentis se esse sapientes, stulti*) muito preocupado pela falta, pelo immenso vazio que o catholicismo ia fazer no mundo, desaparecendo! Pobre sabio! e pobre discipulo, que nada soube que responder ao mestre!

Digam-nos porém que não ha por esse mundo de Christo homens-enigmas!

O Christianismo é muito bom, o Christianismo é necessario para o bem da sociedade; nada o poderia substituir: logo... vamos a destrui-lo!

Infelizes contra-fictorios! Sabeis em que se occupa o Carpinteiro de Nazareth? Prepara o caixão em que haveis de descer ao tumulo.

Vamos archivando

Escreve a «Lucta» de 2 de junho:

«Já é sabido que o primitivo governador do bispado de Olinda, depois de haver resistido ás ordens do governo brasileiro relativas ás excommunições fulminadas pelo respectivo bispo sobre algumas irmandades não menos religiosas que maçônicas, foi julgado e condemnado a cinco annos de prisão. Agora succede que o segundo governador do bispado tambem vae responder a um processo, sendo provavel que tenha o mesmo feliz resultado—para edificação das vossas alminhas.»

Pondo de parte a mentira ou parvoice das «excommunições fulminadas pelo bispo», que aliás a nenhum maçon excommungou, estando todos elles desde ha muito excommungados pelo auctoridade apostolica dos soberanos pontifices, chama-se a isto pura e simplesmente cynismo.

E estes homens fallam-nos ás vezes em amor á verdade, amor á justiça, etc.! A quem pretenderão elles enganar?

Com effeito, os franc-maçons do Brazil, constituídos accusadores e testemunhas, juizes e partes ao mesmo tempo, e condemnando padres septuagenarios a cinco annos de prisão, por não fazerem o que estava feito (o levantamento dos interdictos, operado por um juiz civil á ordem do governo), o que não podiam nem deviam fazer, é mesmo de se lhe bater palmas e de se lhe gritar *appoiado!* na redacção d'um jornal... *humanitario!*—Se dissemos de tapuias, seríamos injustos quicá com os pobres indios.

E' edificante o que escreve a «Revolução» a respeito da gente da «Lucta». Ouçam (transcrevemos d'esta, n.º 196):

«Que mercenários que são! Não gostaram da festa porque não se lhe deu de

comer, e além d'isso não os animamos nos seus vergonhosos dislates.

Arrotam poder, influencia, preponderancia, e depois das bafaradas de arrogancia choramingam porque não poderam comer. Pois trabalhem. E se o Porto lhes fecha as portas das suas assembleias, não digam que desconsideramos o Porto, que toma precauções contra a presença d'elles.

E não são sabujos estes independentes que só se amuam por causa da razão.

E cuidavam que basofiano um ministerialismo interesseiro estavam habilitados para insultar impenunemente.

Contentem-se com a posição em que o Porto os deixou.»

E é edificantissimo o que a «Lucta» lhe responde. Escutem (id.):

«O' bolota ministerial! Applaudete da tua obra. Afocinham todo os cerdos a quem engordas com receio de te perderem!»

O capicho governamental sabe quem são os mercenários, porque sabe quanto lhe pagam para insultar e calumniar; sabe quem é o Porto e as assembleias que fecharam as suas portas á imprensa; se é a entidade que lhe mereceu o epitheto de *lama das ruas*, se aquelles sobre quem cabe a chuva de litas e veneras; sabe quem trabalha, se os que labutam honradamente, se elle—o parasita monstro; sabe quem são os sabujos, se os que tem o desassombro de dizer a verdade, se quem á custa de bajulações, engulindo insultos e protervias, tem arrastado uma vida degradante; sabe quem se amolina pela razão, se os que repellem uma afronta, se o que, empurrado pelos collegas para fóra da cadeira, nem assim a larga, soffrega da pitaça; elle sabe que apesar de todas as desconsiderações a imprensa do Porto que se mostrou aggrávida d'ellas, ficou na posição honrada em que estava, enquanto elle, se aqui estivesse, ficaria sempre... o que foi, etc. etc.

E prégam moralidade! E chamam á imprensa «um sacerdotio» quasi todos os dias estes jornalistas liberaes!

Boa gente, não tem duvida! Inclina-mos a crer que é verdade o que elles dizem uns dos outros.

«Eis o meio de civilisar e de colonisar, o mais bello e maior, que se possa imaginar (Muito bem! muito bem! na direita). Eis os factos: é uma obra, que ha de ser uma gloria para o Christianismo e para a Assembleia Nacional. Certamente é uma bella e boa accção.»

Eis a obra dos que a calumnia satânica chama—Bergerets, ou dirigida por Bergerets!...

Vamos agora com o pensamento ao longe, ao extremo oriente, á China, convidamos o sr. Ennes e á sua *claque* a abrir um livro, que esta em todas as bibliothecas de estudiosos, devido á pena curiosa e intelligente do Barão de Hubner. (1) Ahi (pag. 273 do II vol.) se lê uma passagem, que vem para nosso caso, e que tem de mais o merito de mostrar, o que produziram, com relação ao renome de Portugal, as influencias mindelleiras, que acham a sua representação no palco do Gynnasio.

«Ha aqui (Pekim) quatro igrejas e parochias catholicas, todas servidas pelos Lazaristas: a cathedral Nau-tang (egreja

(1) *Promenade autour du monde*.—1871 por M. le Baron de Hubner, ancien ambassadeur, ancien ministre, auteur de *Sixte Quint*.

REVISTA ESTRANGEIRA

Ultimas noticias da guerra.

Zaragoza 27.—O commandante general da costa cantabrica, o brigadeiro Aurich, protestou energicamente contra o barbaro bombardeamento d'algumas povoações da costa.

Este digno militar, querendo evitar lamentaveis consequencias, advertiu o commandante das forças novas affonsistas, seu antigo companheiro, de que era indigno da marinha hispanhola, bombardear povos, que nenhuma resistencia podiam oferecer ao inimigo, e de que elle seria o responsavel de tudo o que succedesse.

O chefe da esquerda limitou-se a responder, que obrava em virtude das ordens que tinha recebido.

—Guernica, 27.—As juntas geraes da Biscaya inauguraram hoje as suas sessões, sob a arvore historica de suas liberdades, assistindo os representantes de todos os povos, com excepção do de Bilbao e dos quatro, em que domina o inimigo. Immensa concorrência, e grande entusiasmo. O conde del Pinar, depois de conferir o juramento, e da missa do Espirito Santo, pronunciou um magnifico discurso d'abertura, exaltando o spectaculo grandioso de um paiz, reunido á sombra da monarchia legitima, para deliberar sobre os seus mais caros interesses.

A unica deliberação tomada hoje foi felicitar S. M. pelo anniversario natalicio do principe das Asturias, e renovar-lhe os protestos da inquebrantavel lealdade da Biscaya.

Zaragoza 27.—S. M. acaba de receber o seguinte despacho:

«Senhor: Vosso fidelissimo Senhorio da Biscaya, reunido hoje á sombra da arvore de suas liberdades, tem a honra de renovar a S. M. o ardente testemunho da sua lealdade e inquebrantavel adhesão, por occasião do anniversario natalicio de S. A. R. o principe das Asturias, ao qual e a V. M. sauda com entusiasmo este povo secular.

Assignados, como representantes: conde del Pinar os deputados Fausto de Urquiza, Pedro Maria de Piñera, José Antonio de Olocoaga, secretario.»

do sul) communmente chamada, igreja portugueza, imponente edificio do XVII seculo (2) no gosto peninsular, abundando os ornatos barocos. As Quinas, o velho braço de Portugal, que, ainda ha pouco, se viam sobre o portico do templo, obra da piedade e munificencia dos reis fidelissimos, foram substituidas pelas armas de França. (3)

«Pei-tang (egreja do Norte) no centro da cidade, bella construcção gothica dos ultimos tempos, e tambem residencia do Vigaria Apostolico é a casa principal dos Lazaristas na China e seu seminario.

«A diocese de Pekin tem 27:000 catholicos, dos quaes 8:000 na capital e entre estes muitos artifices respeitaveis e quasi todos os relojoeiros da cidade, porque a relojoaria foi introduzida pelos Jesuitas e com a arte a fé, que se tem ambas propagado de paes a filhos.

(Continúa)

(2) Então construia Portugal igrejas em Pekin; hoje Portugal não, mas a obra do Mindello produz Ennes e inventa—Os Lazaristas—como quem diria: canta a aria da calumnia! Qual trambalhão e qual vergonha!

(3) Honra e gloria á obra do Mindello e aos Ennes seus meninos de côro.

10 **FOLHETIM**

OS LAZARISTAS

DO

Drama Calumnia

E OS

Lazaristas verdadeiros

V

(Continuação)

«Mas que se faria d'ellas chegadas á idade adulta?

«Não tinham paes, que haviam succumbido ao flagello; nem mais protecção, que a dos que os haviam acolhido. Abandonar-se-iam sem soccorro em meio das povoações arabes? Seria inhumano e cruel.

«Ah! sim; disseram, que se usava de pressão com essas creanças para as fazer adoptar a Religião Catholica.

«Não é exacto, e eis a prova. Sobre 1:200 creanças, 200 pediram para voltar para as tendas de suas tribus e poderam fazel-o livremente. Onde está pois a coacção? E essas creanças, reconhecidas aos seus benefactores, vem visital-os frequentemente. Assim, nem coacção moral, nem coacção material (Muito bem! a direita).

«Os outros, vendo a bondade de seus

protectores, comprehendendo, que uma religião, que fóra taes dedicacões, é admiravel, á vista dos excellentes exemplos, que lhes eram dados, pediram o baptismo e foi na idade de 13 para 16 annos, que, sem nenhuma especie de coacção, receberam aquelle sacramento. Foi por este modo, que se chegou a ter uma população christã de jovens arabes de ambos os sexos.

«Sobre 800 almas já christã, 40 jovens arabes casaram com 40 raparigas do outro afanado, sem nenhum encargo para o Estado, só com o auxilio da caridade do arcebispo d'Alger, que ponde comprar uma terra de 1:000 hectares, nas margens do chetif, e junto de um ribeiro, que rega os jardins, na qual fundou uma aldeia de juventude arabe. Quarenta casas formam hoje a aldeia de S. Cypriano, sem que ninguém possa dizer ter isto causado a minima desordem. Estes jovens vao aos mercados, vender os seus productos e comprar provisões. Todos os respeitam; os arabes seus vizinhos defendem-nos de quem tente insultal-os ou atacal-os.

«D'on-le vem este respeito? Dos meios religiosos e christãs. Está-se construindo um hospital em meio d'esta população christã, destinado ao soccorro de todos os arabes indistinctamente (Applausos na direita).

«Acabo de receber as felicitações, que, em nome do muito nobre e muito leal Senhorio de Biscaya, me dirigistes por motivo do anniversario natalicio de meu querido filho, lembrança que agradeço do mais intimo d'alma. Reunidos á sombra da arvore de Guernica, emblema das liberdades vascongadas, as primeiras do mundo, desejo que recebaes tambem a segurança de meu inquebrantavel affecto para com este paiz, que voluntariamente, me dá seus filhos a seus haveres, para salvar, não simplesmente os seus interesses, mas os de toda a Hispanha.

Dizei isto a este nobre paiz, em meu nome, e que conte, e vós outros contaes tambem, com o sincero e desvelado affecto do vosso Soberano e Rei de Hispanha—Carlos.

Guernica 28.—Approvados os differentes deputados, constituiu-se solememente a Junta Geral da Biscaya.

Por aclamação unanime deliberou-se, que se dirigisse a Sua Santidade uma mensagem em testemunho de respeito, pedindo-se a benção apostolica para a Biscaya, as juntas, e para o exercito real.

Foi approvada outra mensagem, dirigida a S. M., mensagem de lealdade e adhesão d'este senhorio para com seu legitimo soberano.

Outra dirigida ao exercito, saudando-o pelo seu heroismo e pela abnegação com que sustenta a causa do Rei e do paiz.

Amanhã, haverá uma solemne funcção, em honra da Immaculada Conceição, Padroeira do Senhorio.

Zorzoza 28.—Chegaram hoje aqui 132 soldados, feitos prisioneiros no valle de Mena.

Depois d'algum descanço, S. M. recebeu os officiaes, a quem dirigiu as mais benevolas expressões.

«Sinto, lhes disse o Rei, ter prisioneiros officiaes hispanhoes; mas espero, que, algum dia, trabalhemos unidos pela honra e prosperidade da Hispanha.»

Depois perguntou-lhes, se tinham alguma queixa a apresentar, e tendo elles respondido, que estavam agradecidos ao tratamento de todos, S. M. despediu-se d'elles, fazendo acompanhá-los por um ajudante d'ordens até ao sitio onde estavam aposentados.

O Rei tem tido, estes dias, a satisfação de fallar com alguns de seus voluntarios, trocados ultimamente.

O general Zaldueño surpreendeu a avançada inimiga de Perdon, fazendo-lhe 18 mortos e 6 prisioneiros.

Continuam as apresentações.

—Lê-se na «Gaceta»:

O general segundo cabo da Catalunha dá conta de que na noite de 27 as facções reunidas sob o mando de Saballs aprisionaram o destacamento de Molins de Rey, composto de vinte e cinco homens.

—Lê-se no «Imparcial»:

A Agencia Fabrá transmittiu-nos, hontem, o seguinte telegrama:

Barcelona 29.—O «Diario de Barcelona» diz, á ultima hora, que o grosso das facções, sabendo que uma pequena columna, saída de Barcelona, ia fazer um reconhecimento pela parte de Las Espulgas e S. Felix se apressou a tomar posições na serra que está á sahida do ultimo povo não rompendo o fogo sobre duas companhias que, separadas da guerrilha, avançaram, senão depois d'ellas até terem começado a ascensão d'aquelle.

O brigadeiro Mola e Martinez, que comandava as forças, vendo que a cavallaria carlista verificava um movimento para cortar a retirada ás duas companhias, mandou carregar a sua, que pertencia ao corpo de Alcantara, a qual com serenidade e arrojo, dignos de todo o elogio, lançou-se sobre o inimigo que, reforçando n'aquelle momento o ataque com forças novas recrudescera a lucta; porém teve de desistir do seu proposito ante o valor d'aquelles gigantes, tendo tambem a nossa artilheria uma parte muito principal pelos seus tiros certos.

A dita columna regressou a esta ás 10 da noite tendo enviado 18 feridos, entre elles um capitão, e dos quaes falleceu um ao entrar no hospital.

—Lê-se no «Imparcial»:

Villalain achava-se no sabbado em Igle-suela, na raia do Aragón e Dorregaray tinha baixado a Benasol.

—Arrojada de Chelva a facção de Adelantado, e não se podendo conservar em Adeuz tratou de ir até Aragón, e no domingo soube o brigadeiro Borrero (que estava em Sarrion) que os carlistas tinham

chegado á Torrijó pequena aldeia situada n'aquelles asperos montes.

O brigadeiro marchou em sua busca, chegando a Torrijó, quando já tinha marchado a facção; porém pôde seguir o seu rastro e as avançadas do exercito chegaram a alcançar os carlistas na estrada de Teruel entre Barcezo e La Junquera.

A' vista dos nossos soldados, os carlistas postaram-se nos altos de Santo Agostinho onde houve um sério tiroteio fugindo os carlistas por aquelles montes.

Do «Cuartel Real»:

—Andoia 29.—As forças inimigas de Hernani empenharam-se hoje novamente em tomar o alto de Montevideo e foram rebassadas com bastantes perdas. As nossas são poucas.

—Salinas de Arlabon 30.—Ante-hontem a nossa artilheria trabalhou com muito acerto na linha de Alava dispersando as fortes guerrilhas que o inimigo tinha destacado.

A columna inimiga, com força de uns 14:000 homens, está situada entre Mirandez e La Puebla, e os nossos batalhões distribuidos de frente e nos flancos, impedindo a passagem para Vitoria.

—Zorzoza 30.—As nossas tropasprehenderam uma força inimiga del Perdon (Navarra), causando-lhe um capitão e cinco soldados mortos e muitos feridos.

Continuam a passar-se para as nossas fileiras muitos soldados inimigos.

—Depois de se referir aos successos d'importancia que de dia para dia se esperam dos movimentos militares no Centro, diz o correspondente da «Palavra»:

Para estorvar (esses successos) chamando a attenção de Martinez Campos que se tinha dirigido ao Aragón, segundo já disse, moveu-se Saballs com tres ou quatro mil homens e alguma artilheria sobre Molins de Rey, escassamente guardada, porém situada a tres kilometros apenas de Barcelona, e, ainda que se diga o contrario, é certo que entrou na dita povoação, tirou recursos metalicos, pois é rica, e levou prisioneira uma companhia do exercito e alguns voluntarios.

Ao seu regresso alcançaram-no duas columnas que sustentaram com a sua reataguarda uma ligeira escaramuça em que houve poucas perdas por ambas as partes, apoderando-se as tropas affonsinas de 4 carlistas que tinham ficado mais atraz. Tem-se querido dar a isto muita importancia, apresentando-o como um combate dado dentro de Molins de Rey para obrigar os carlistas a evacua-la, porém não passa de uma mentira, e o acontecido é nem mais nem meos do que o que refiro.

Onde a campanha toma um caracter grave é no Norte.

Uma operação militar indicada por mim como possivel e conveniente para os carlistas no diser de entendidos chefes começou a realizar-se. Forças consideraveis separaram-se da linha que cobre Estella deixando-a guardada com 8 bons batalhões ás ordens de um general a quem se exigiu juramento de morrer defendendo o posto que se lhe confia e dirigiram-se em direcção a Valmaseda, onde em uma extensa linha de 16 leguas hispanholas (mais de 80 kilometros) apparecem hoje acantonadas a maior parte das forças de que D. Carlos dispõe no Norte. Comanda o centro d'esta linha o antigo cabre-rista Garasa, que, como eu disse em tempo, se apresentou a D. Carlos logo depois da deserção de Cabrera, a esquerda Mogrovejo, e a direita Mendiry, que conserva todavia o seu commando em chefe, do qual não foi privado como disseram as folhas liberaes.

Para estorvar a sua situação e os seus movimentos de avançada combateu dois dias depois de minhas anteriores informações o general Loma com adversa fortuna, segundo é sabido, apesar do silencio do governo, supposto ainda não tenhamos promotores, e viu-se na necessidade de retirar-se e concentrar o seu exercito entre Villasante e Villasana, pedindo auxilio ao general em chefe Quesada que teve de descer do Agra com um dos corpos de exercito que alli tinha e deixar o cuidado d'esta linha a Echavarria. A sua primeira operação foi um reconhecimento por Nanelares sobre Vitoria para observar as posições de seu inimigo, regressando a Miranda do Ebro, onde tem hoje o seu quartel general em quanto que os carlistas pela parte de Valmaseda estenderam suas avançadas até á vista de Reinosa.

Os ministeriaes andam consternados com estas noticias que tiram valor a suas esperanças do Centro, e agora reparam em que ha um anno não se fere uma verda-

deira batalha, á excepção do combate de Laca e Lorca, favoravel aos carlistas, e comprehendem que é muito possivel a evacuação d'esta linha do Arga a que tão immerecida importancia se deu, evacuação que hoje se diz começada a effectuar com o abandono do monte Esquinza, posto não se sába com certeza.

Pela parte de S. Sebastião os carlistas hostilizam energicamente toda a linha liberal, tendo situado baterias de um modo tão vantajoso que lhes permittem dirigir seus tiros tanto sobre Fuenterrabia como sobre Pasajes. Ante-hontem á noite ameaçaram a posição de Igualdo, com o fim de cortar a linha liberal e para que seja completo o isolamento de S. Sebastião e hoje sabe-se que principiaram a situar-se em frente de Irun, parece que com animo de ataca-la outra vez.

GAZETILHA

Novena.—Começa amanhã a novena de Nossa Senhora do Carmo, na igreja d'esta invocação.

Incendio.—Pela 1 hora da noite de ante-hontem deram as torres signal d'incendio, manifestado no predio n.º 2 da rua Nova de Sousa, contigua a esta typographia, é onde mora o snr. João Casimiro da Costa, ourives.

Em virtude da promptidão de soccorros, o incendio, que foi na cozinha, não chegou a atingir grandes proporções, sendo extinto dentro de pouco. Os damnos são calculados em cerca de 200\$000 rs.

No local do sinistro compareceram as autoridades e varios cavalheiros, que prestaram os seus serviços.

Subscrição.—Alguns artistas d'esta cidade promoveram ha dias uma subscrição, que esteve aberta em casa do snr. Francisco José d'Araujo Guimarães, e na do snr. José da Cunha Alves de Sousa, em favor do snr. José Joaquim Fernandes Braga, que ha perto de cinco annos está inteiramente privado da vista. Com o producto d'esta subscrição partiu este snr. para Lisboa, onde vae consultar um especialista.

Louvamos os honrados artistas que tomaram a iniciativa d'esta acção de caridade.

Secan.—Lê-se na «Atalaia de Vizeu»:—Consideram-se perdidas as colheitas no Algarve.

Pelos nossos sitios tambem se receia um anno de fome; os lavradores queixam-se da falta de chuvas e lamentam que os milhos sequem á força de calor.

Choveu já, a mas agua que cahiu, com quanto melhorasse um pouco as condições dos campos, não bastou para saciar a sede da terra.

Deus se amerecie de nós.

A obra do diabo.—Os seguintes versos sahiram publicados no «Apostolo»:

(Parodia)

Um dia... poz-se o diabo
A meditar sobre o abysmo,
E coçando o igneo rabo
Ideou o maçonismo.
—«Eureka!» bradou contente:
Achei o mal: de repente
Estourou. O fogo em chamma
Iluminou-lhe a figura..
E bordava cada flamma
Sinistra caricatura.

Naufragio.—Voltou-se uma lancha ao entrar o rio Minho, perecendo dois pescadores.

O incendio do theatro da Trindade, no Porto.—Refere o «Primeiro de Janeiro»:—O theatro da Trindade foi na madrugada de hontem (5) pasto das chammas. Tinha-se fechado pouco depois da meia noite, tendo dado a Pata de Cabra, e quando eram cerca de duas horas e meia, o incendio declarava-se d'um modo pavoroso no segundo andar, para o leito da frente. D'ali passara ao primeiro andar e ganhara o resto do edificio, por forma que em rapidos instantes não era mais que uma lavareda immensa.

A cocheira do snr. Antonio Bernardo Ferreira, contigua ás trazeiras do theatro, esteve em risco de ser devorada; e á casa fronteira, em que o snr. José de Mello Abreu tem o seu deposito de pianos, com a aproximação do terrivel elemento, partiram-se-lhe as vidraças das janellas e clara-boias.

Antes de terem chegado as bombas, já grande parte da mobilia e utensilios do restaurante estavam salvos, graças aos esforços d'alguns municipaes, guardas civis e paisanos que tinham accudido ao local aos primeiros indicios do incendio.

Do theatro nada pôde salvar-se incluindo o guarda roupa e alguns objectos que os artistas haviam deixado nos camarins. Ao snr. Rente ardeu uma rebeca avaliada n'uns 200\$000 reis.

—Durante o dia de hontem foi constante a concorrência de pessoas a ver o local do sinistro, onde a companhia de bombeiros tem trabalhado com uma dedicação e denodo superiores a todo o elogio.

A's duas horas e meia da tarde, em resultado do desbamento d'um muro interior, vieram a terra uns peitoris da frente e todo a fugir o soldado da bomba n.º 135, da 3.ª secção, cahiu, ficando bastante maltratado.

Quando os camaradas o levavam em braços pela rua do Bomjardim, passava o snr. Guilherme Fernandes com sua esposa e mandou chamar um carro que o conduzisse aos postos medicos e d'alli a casa, ordenando que o carro estivesse hoje ás 10 horas á porta do doente para o conduzir ao algebrista.

Actos d'estes registam-se com o louvor que merecem.

—Apresentaram-se logo no local do sinistro e prestaram relevantes serviços os administradores dos dois bairros, o commissario geral de policia, snr. Lencastre, e a officialidade da guarda municipal.

—As paredes da frente ameaçam ruina imminente, e conta-se apeal-as hoje. Por esse motivo está prohibido o transito publico e a um individuo que hontem á noite quiz forçar a passagem, foi dada a voz de prisão e conduzido á estação competente.

—Quando se manifestou o incendio, os vizinhos tomaram-se de tamanho pavor, que uma senhora quiz precipitar-se da janella para a rua.

—O theatro estava seguro em tres companhias, a saber: na *Indemnizadora*, em 2:000\$000, rs. na *Union Española*, em 10:000\$000 rs. e na *Garantia*, em 5:000\$000 reis.

As inundações em França.—Eis os telegrammas relativos ás ultimas inundações em França:

Tolosa 25 de junho.—O quarteirão de S. Cypriano é uma verdadeira necropole. Não se caminha senão sobre ruinas. É um espectáculo desolador. A agua subiu no arrabalde 8 metros. O deposito de mendicidade está em parte perdido. Por toda a parte se mostra o maior animo. Desde esta manhã acharam-se 115 cadaveres, o que leva o numero de mortos até agora conhecidos a 215.

Tolosa 25.—Continua-se a trabalhar activamente na salvção dos objectos mobiliarios que se acham nas casas não esbarralhadas, mas arrombadas. O trabalho é perigoso e difficil.

No quarteirão S. Miguel, no porto Gaud, na ilha Tonny, foram destruidas 20 casas; as perdas materiaes são consideraveis principalmente no hospicio Lagrave.

Os cadaveres são fotografados antes de ser enterrados.

Tolosa 25.—A cada instante sabemos de novas desgraças. O convento das carmelitas foi demolido; uma religiosa ficou sepultada debaixo das ruinas. Uma parte do convento das freiras bernardas foi levado pela corrente. As religiosas e as pensionistas foram salvas. O Hotel-Dieu e o hospicio da Grave foram evacuados. As lojas principiam e encher-se d'agua.

Montrejeau, Valentina, Mirament, Cazerès, Muret foram envidados pelas aguas. Em Boussens, os habitantes, desesperados, lamentam-se, refugiados sobre os telhados. Um grande numero de pontes foram levadas.

A Garone, vae cheia de moveis, traves, pipas, e, cousa horrivel, berços!

Na communa de Fenouillet, sobre quatrocentas casas, só existem em pé cinco e a torre da igreja.

Na extremidade de uma pequena aldeia, cujo nome ignoro existia um casal, occupado por uma familia, que constava d'homem, mulher e três filhos.

Toda a aldeia tinha sido advertida a tempo do augmento das aguas e conseguu salvar-se.

Só o desgraçado caseiro e sua familia foram surpreendidos pela inundação. Acordados pela agua, subiram meio nus para cima do telhado da casa.

A mãe, gelada pelo frio, tinha-se atado com uma corda á chaminé; a pobre tinha convulsivamente sobre os braços um menino de peito. O pae com os seus dous pequenos filhos sobre os hombros sustentava-se sobre uma beira do telhado.

Os desgraçados lividos nem força ti-

nham para gritar, sentiam as paredes abanar e esperavam a morte.

Finalmente dous heroicos soldados, dous gendarmes dentro de uma barca e levando archotes acesos aproximaram-se da casa.

No momento em que elles chegavam as paredes cahiram formando uma especie d'abismo que engoliu os desgraçados, a barca e os salvadores.

Moissac 25 de junho. — A inundação occasionou perdas incalculaveis no Lot e Garonna.

Aqui destruiu 170 casas. Na Magistera, destruiu 50. A aldeia de Golfech está quasi inteiramente destruida. Sómente se poderã conservar 4 casas.

Falla-se n'ons quarenta afogados.

Tarbes 25 — O arsenal foi invadido pelas aguas; felizmente o numero dos afogados é pequeno, mas os estragos materiaes são enormes.

— O «Messenger de Toulouse» diz:

Demos um passeio depois do meio dia atravez das ruinas do arrabalde S. Cypriano. A agua tinha-se retirado completamente, e podia-se andar pelas ruas, só com o incommodo de a cada passo ser detido pelos montões de entulho.

A nossa penna é impotente para descrever o que temos visto. O quarteirão em outro tempo populoso e tão animado do arrebalde offerece hoje o aspecto d'uma cidade triste e bombardeada pelo inimigo.

Na rua de Bayonna mostram-nos a casa onde o doutor Brun e sua familia ficou sepultado. Mais adiante a casa onde M. Wolff commissario do governo morreu.

Mais adiante no convento dos carmelitas, se nos assegura que madame Garrigues e o R. P. da ordem dos carmelitas, Maouel, encontraram a morte.

Um grande numero de cadaveres foram tirados de debaixo dos entulhos.

A's 7 horas da tarde 82 cadaveres tinham sido levados para uma sala do hospicio de S. Thiago.

Vimos quadros que nos impressionaram muito: aqui uma mãe apertava sobre o seu peito um menino; mais adiante, um infeliz pae de familia apertava em seus braços dous filhos, um de oito e outro de seis annos.

Na rua Velha de S. Nicolau a queda de uma casa causou onze victimas. De outra casa retiraram-se oito pessoas que não davam signaes de vida.

A aldeia de Roques ficou destruida em parte. Em Portet contam-se umas trinta casas destruidas. Duas familias inteiras foram afogadas perto de Braqueville. Grandes desastres em Guiestous e Grenade.

Em Moissac, a Garonna e o Tarn não formam mais que um lago d'agoa. E a chuva não cessa.

Por toda a parte se organisam soccorros com a maior actividade e o mais louvavel dedicamento.

Continuam a chegar promenores das inundações em Franca, que tomam o caracter de uma verdadeira calamidade publica.

Só em Tolosa ha mais de novecentas victimas. Recceia-se muito uma epidemia.

No departamento da Garonna boiam á tona d'agua innumeraveis cadaveres. E' horrivel aquelle espectáculo.

Mais de tres mil casas estão destruidas: só em Tolosa se contam seiscentas.

Os prejuizos causados n'esta cidade pela cheia sobem a cem milhões de francos, e outro tanto se calcula ser o prejuizo nos campos.

O jornal official diz:

«O marechal presidente da Republica ouviu a missa esta manhã ás seis horas e meia na cathedral de Tolosa.

A's sete horas foi a distancia de oito kilometros visitar de Fenouillet, aldeia de novecentos habitantes. Prestou aos habitantes os socorros mais urgentes de que necessitavam.

Depois de atravessar uma povoação horrivelmente destruida, na volta para Tolosa, visitou o bairro dos Amilonniers e o de Port-Garand que tem muitas casas e galerias arruinadas. A força militar recebeu de suas mãos algumas cruzes e medalhas pelo modo como acudiram ao sinistro.

A' uma hora partiu o marechal para Montauban e Moissac visitando na passagem os logares que mais soffreram distribuindo os soccorros mais necessarios.

Tornou á noite para Tolosa e d'ahi sah para Tarbes.

A Assembleia nacional abriu uma subscrição para soccorrer os que soffreram com as inundações, e o governo auctorisou

a todos os recebedores geraes, para abrirem subscrições para o mesmo fim. O tribunal do commercio de Paris tambem abriu uma subscrição para o mesmo fim. Estão-se organisando outras muitas em varios pontos da Franca.

Reproduzimos os seguintes telegrammas:

Pau 26 de junho. — O Bidouse trasbordou alagando a planicie de Bidoube até Conne departamento de Bayonne.

As communas de Bardos, Guiche e Same soffreram bastante. Perderam-se as colheitas. As aguas vão descendo. Não houve desgraças sérias.

Dax 26 de junho. — A cheia de Adour, chegou até ás alturas de Aire, Cazères, Grenade, S. Seves, Mongron e Pontoux e ameaça Dax. A's quatro horas as aguas estavam a 5^m e 5.

Empregaram se grandes esforços para obstar á que se rompessem os diques.

A' caridade. — Imploramos ás almas caridosas se lembrem, com uma esmola, do infeliz José Avelino Ferreira dos Santos, que, vae em dous annos, se acha impossibilitado de trabalhar, vivendo na maior miseria em companhia de sua mulher e 5 filhos de menor idade. Reside na rua da Ponte, n.º 5.

BANCO DO MINHO

Resumo do activo e passivo em 30 de junho de 1875.

Activo	
Dinheiro em caixa: metal	80:473\$566
Notas	17:167\$500
Inscrições e mais papeis de credito	85:058\$163
Ações de c. propria	64:800\$000
Hypotheças de raiz	90:848\$430
Letras protestadas e em litigio	8:370\$703
Remessas	28:513\$026
Emprestimo sobre penhores	20:727\$420
Letras descontadas	874:610\$798
Letras a receber	33:440\$744
Saques e remessas de n. c.	126:998\$736
Saques e remessas das agencias	73:687\$195
Agencias no paiz	204:710\$598
Agencias no estrangeiro	131:101\$780
Contas correntes	1037:039\$495
Edificio do Banco	14:376\$965
	2.891:925\$119

Passivo	
Capital	600:000\$000
Fundo de reserva	30:000\$000
Dito para prejuizos eventuaes	50:000\$000
Reserva para decimas	30:000\$000
Notas em circulação	93:515\$000
Depositos á ordem	218:936\$870
Dividendo a pagar	992\$616
Depositos a prazo	1.397:835\$521
Credores no paiz	241:052\$102
Credores no estrangeiro	9:396\$429
Saques e remessas das agencias	181:744\$186
Ganhos e perdas	38:482\$395
	2.891:925\$119

Braga 5 de julho de 1875.

OS GERENTES.

Francisco Casimiro da Cruz Teixeira.
Manoel Luiz Ferreira Braga.

BANCO MERCANTIL DE BRAGA

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Resumo do Activo e Passivo d'este Banco, em 30 de junho de 1875.

Capital social	1.200:000\$000
Capital actual (1.ª serie imittida)	600:000\$000
Capital realisado	112:075\$000

ACTIVO

Accionistas, prestações a receber	488:031\$000
Caixa, existencia em cofre em metal	4:079\$850
Letras descontadas	23:189\$220
Emprestimos sob penhor	18:810\$545
Emprestimos com hipoteca	6:000\$000
Creditos com caução	63:239\$195
Devedores no paiz	8:331\$466

Devedores no estrangeiro	2:080\$940
Valores fluctuantes	32:543\$920
Despezas de installação, Moveis e utensilios	3:149\$965
Despezas geraes	657\$569
	650:153\$670

PASSIVO

Capital actual do banco	600:000\$000
Credores no paiz	1:333\$602
Depositos á ordem	28:686\$285
Deposito a prazo fixo	17:916\$484
Lucros e perdas	2:217\$299
	650:153\$670

Banco Mercantil de Braga 30 de junho de 1875.

Os directores,

José Joaquim Lopes Cardoso.
José Antonio Rebello da Silva.
João da Costa Palmeira.
(2551)

BANCO COMMERCIAL DE GUIMARÃES.

Resumo do activo e passivo em 30 de junho de 1875.

Activo

Caixa, existencia em metal	21:691\$754
Letras descontadas	75:937\$095
Idem a receber	115:042\$455
Contas correntes com garantia	3:923\$085
Papeis de credito	3:511\$000
Emprestimo sobre penhores	13:652\$500
Devedores e credores geraes	23:739\$619
Moveis, casa forte e utensilios	1:002\$840
Despezas da installação	2:384\$687
Accionistas	430:427\$500
	691:312\$535

Passivo

Capital	600:000\$000
Depositos a prazo	49:196\$414
Idem á ordem	18:715\$534
Letras a pagar	4:694\$220
Diversos credores	13:683\$712
Lucros e perdas	5:024\$635
	691:312\$535

Os directores

José Chrysostomo da Silva Basto.
Fortunato Jorge Guimarães Barateiro.
Joaquim José d'Azevedo Machado.
(2552)

AGRADECIMENTOS

D. Maria Theodora d'Almeida Mello, D. Maria Angelina de Mello e Almeida, José Manoel d'Almeida Mello, Bernardino José da Cruz, e mais familia, penhorados para com todas as pessoas, que as visitaram por occasião do fallecimento de seu innocente filho, neto e sobrinho Theodosio d'Almeida Mello, bem como áquellas ex. mas pessoas que o acompanharam á sua ultima morada; lanção mão d'este meio para manifestarem o que n'alma se lhe possa, posto que em linguagem humilde e despreziosa seria abafar com mão de ferro os gritos da coração, seria involver no gelo do indifferentismo, que mata o mais elevado sentimento, que no coração humano póde vegetar — o reconhecimento — deixando assim sepultado no barathro insuperavel de vergonhoso olvido este protesto de infinda gratidão.

A familia do innocente finado manifesta, portanto, a todos, seu indelével reconhecimento.
(2547)

ANNUNCIOS

João Antonio de Oliveira Braga, director do correio d'esta cidade.

Faz saber, que por espaço de 15 dias, e d'ordem da Administração Central, se acha aberto concurso para provimento de quatro carteiros supranumerarios d'este Direcção; devendo os pretendentes apresentar no dito prazo seus requerimentos, documentados, e certidão de idade e a que se

mostre não terem menos de 18, nem mais de 35 annos, certidão de haverem sido recenciados para o serviço militar, bem como de saude e bom comportamento; comparecerem os mesmos no dia 23 do corrente pelas 8 horas da manhã n'esta direcção, para, na conformidade do art. 30 do regulamento postal de 4 de maio de 1853, ser-lhe passado exame de ler, escrever e contar.

Direcção do correio de Braga, 8 de julho de 1875.

O director,

(2553) João Antonio d'Oliveira Braga.

DINHEIRO A JURO

Quem pretender tomar a juro a quantia de 238\$000 reis por escriptura publica, requeira aos mesarios da irmandade de Santa Justa, d'esta cidade de Braga.

(2546)

BANCO DE GUIMARÃES

Na sede d'este Banco e nas agencias de Lisboa, Porto e Braga, paga-se ás segundas, quartas e sextas feiras, desde as 10 horas da manhã até á uma da tarde, o dividendo do 1.º semestre d'este anno na razão de 4 p. c. ou 3\$200 por acção.

Banco de Guimarães, 6 de julho de 1875.

Os gerentes,

F. Ribeiro Martins da Costa
Francisco P. da Costa Guimarães.

Agencia em Braga, Campo de D. Luiz I n.º 29.
(2548)

O provedor da Santa Casa da Misericordia, d'esta cidade, convida por este meio os irmãos da mesma irmandade a reunirem-se no dia 14 do corrente, pelas 6 horas da tarde, na real capella da Misericordia, a fim de se proceder á eleição da Mesa gerente do anno economico de 1875-1876, na fórma do cap. 4.º do respectivo Compromisso, visto não se verificar no dia designado no § 1.º do mesmo cap.

A Mesa da Santa Casa da Misericordia, d'esta cidade, faz saber, que tendo expirado o prazo de 60 dias, annuciado para a demolição das catacumbas temporarias do cemiterio dos Despresos, convida por isso os parentes ou herdeiros dos fallecidos alli depositados, para no improrogavel prazo de 10 dias virem ou mandarem remover a respectiva ossada, fudos os ques se procederá immediatamente á transferencia de todo o material para o cemiterio privativo da mesma irmandade.

Braga, 7 de julho de 1875.

O provedor,

(2550) Manoel Justino Marques Murta.

ARRENDAR-SE

No logar da Fonte proximo á estação do caminho de ferro, d'esta cidade, arrenda-se com terreno para quintal, ou sem elle, a casa denominada da Fonte. Tem commodos para numerosa familia, e agua de poço e bica. Quem a pretender arrendar [póde dirigir-se á mesma que achará com quem tratar.
(2528)

Agencia do Banco de Vianna.

CARVALHOS & C.ª

Rua do Souto n.º 30

BRAGA

Esta agencia faz as seguintes operações: Desconta letras da terra e de cambio. Encarrega-se da compra e venda de papeis de credito.

Recete dinheiro á ordem e a prazo abonando j'aros.

Empresta sobre penhores d'ouro, prata, inscrições, ações de bancos e companhias.

Saca sobre praças do reino e estrangeiras, onde o Banco tem agencias.

Braga, 3 de junho de 1875.

Os agentes,

(R*) Carvalhos & C.ª

